

# RBEMF

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA  
MONETÁRIA E FINANCEIRA

Número Especial – O “Tarifaço” de Trump | 2025

ISSN 3085-7643

## A crise espiritual do liberalismo e a demagogia de Donald Trump

Mário Máximo



# A crise espiritual do liberalismo e a demagogia de Donald Trump

*Mário Máximo*

*Professor do Departamento de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ*

*E-mail: mariomaximo@ufrj.br*

Construir muros para impedir a entrada de pessoas ou de mercadorias em território nacional sempre foi algo considerado abjeto para a tradição liberal. Não é por pouco que os liberais se assustam com a linguagem nacionalista. O cerne de sua doutrina é a vontade individual desimpedida. Qualquer barreira é vista como uma violência e, portanto, exige uma explicação moral e política do mesmo nível. Podemos utilizar um exemplo do filósofo contemporâneo Noam Chomsky para ilustrar o essencial da questão: se uma pessoa pretende atravessar a rua e nós vemos que um carro irá atropelá-la, nós podemos puxá-la de volta e restringir seu movimento. Só podemos fazer isso porque temos uma razão à altura, a preservação da vida, ou evitar o dano, como diz John Stuart Mill em seu famoso princípio. A exigência para a ação ser legítima é ainda maior se quem o faz é o corpo coletivo do Estado.

Os economistas atuais, a despeito de pertencerem em maioria à tradição liberal, ignoram os princípios deste paradigma e buscam discutir barreiras ao comércio internacional somente em termos de preços e (de)crescimento da atividade produtiva. É como se a troca, sobretudo entre as nações, fosse um ato técnico: da mesma forma que um encanador conserta o fluxo da água de um cano bloqueado, o economista corrige o canal de comunicação dos fluxos internacionais de capital. Essa visão positiva, com roupagem de especialidade, aparentemente despolitizada, é falsa. Esse erro é cometido por quem iguala o que é desigual, no caso, o fazer e o agir. Fazer (poiesis) tem por fim algo externo a nós mesmos — a casa, o carro, a energia elétrica. Esse é o campo adequado da técnica. A ação (práxis) tem por fim a própria vida humana — comer, conversar, assistir a um filme. Esse é o campo adequado da política. É claro que a técnica e a política não são independentes. A política subordina a técnica, da mesma maneira que o consumo subordina a produção. Contudo, são categorias distintas, que devem ser mantidas em separado. A fusão das duas ou esvazia a política e transforma tudo em técnica, criando uma espécie de “império do especialista”, ou frustra a técnica, enxergando posições políticas por todo o lado, como é o caso de posturas negacionistas ou conspiracionistas.

A crítica ao nacionalismo não é, portanto, técnica, mas política. Os clássicos do liberalismo sabiam perfeitamente disso. É apenas com o desenvolvimento de uma ciência econômica pretensamente pura que essa confusão tomou de assalto o debate público. Não precisamos ir longe para observarmos isso. Basta ver a notória oposição que Adam Smith faz ao mercantilismo.

O comércio, que deveria naturalmente ser, entre as nações como entre os indivíduos, um traço de união e de amizade, transformou-se na mais fecunda fonte de discórdia e de animosidade. (...) A violência e a injustiça dos governantes da humanidade constitui um mal antigo para o qual receio que a natureza dos negócios humanos dificilmente encontre um remédio. Entretanto, embora talvez não se possa corrigir a vil capacidade e o espírito monopolizador dos comerciantes e dos fabricantes que não são nem deveriam ser os governantes da humanidade, pode-se com muita facilidade impedi-los de

perturbar a tranquilidade de pessoas que não sejam eles mesmos.  
(Smith, 1776 [1996], p. 471)

O fundamental do projeto político liberal é esse expresso nas palavras de Smith contra o mercantilismo: a restrição do poder a uma esfera de legalidade. Em outras palavras, o poder precisa se justificar e a justificativa precisa ter a mesma dimensão da intensidade do poder exercido. Do contrário, o poder é ilegítimo e vale a vontade dos indivíduos em suas esferas privadas. Um corolário disso é que, no liberalismo, não existe espaço público que não seja uma intersecção dos espaços privados, ou seja, não há esfera pública criada pelo poder, porque não há argumento possível para tal.

Todas as evidências à nossa disposição são de que este projeto político liberal está em franco declínio. Isto pode ser constatado nos diversos movimentos políticos, espalhados por vários países, que se opõem não apenas a um governo, mas a toda a estrutura da democracia liberal. Eles têm recebido o nome de movimentos anti-establishment e a figura de Donald Trump é central neste cenário. No meu entender, não estamos diante apenas de uma tentativa de os Estados Unidos retomarem o seu poder na competição internacional, como já fizeram na crise do final dos anos 1970, e que resultou na derrota histórica da União Soviética. Em outras palavras, Donald Trump não é Ronald Reagan. O que ocorre agora é um esfarelamento do liberalismo e das instituições que essa tradição foi capaz de construir.

O edifício liberal desmorona porque a sua fundação é frágil. Ao elevar as diversas vontades individuais e, conseqüentemente, procurar encurralar o poder apenas no espaço do que é consentido, o liberalismo perdeu de vista que os seres humanos são criaturas enraizadas, cuja vontade não flutua autonomamente. Há uma realidade no fenômeno do poder que transcende o consentimento e explica esse desatino liberal: as pessoas só podem consentir com algo se são capazes de avaliar antes de oferecerem o seu consentimento, mas o juízo dos indivíduos é formado pelo próprio exercício do poder, seja inicialmente com o dos pais, seja posteriormente com o das instituições políticas.

É nesse contexto de declínio, digamos, espiritual, que a segunda presidência de Trump precisa ser entendida. A esta altura, já está claro que a avaliação interna do grupo trumpista é que o primeiro mandato foi cerceado pelas instituições do país e que agora é necessário fazer valer o poder da presidência. O objetivo é pôr abaixo o regramento liberal e explicitar o exercício do poder em nome do que se compreende como uma “América Grande”. É evidente que, aos olhos liberais, esse exercício sempre soará arbitrário ou caprichoso. Não há esperança de diálogo aqui. Ou Trump é derrotado pelo establishment liberal, ou ele o derrota. Há a possibilidade do surgimento de uma outra força anti-establishment, mais à esquerda, porém, nesse momento, essa alternativa ainda não está colocada.

O caso do tarifaço é exemplar. A questão aqui não é se as tarifas fazem ou não sentido econômico. Não se trata de responder se o protecionismo funciona para trazer de volta a indústria norte-americana. Também não é somente uma estratégia de combate aos chineses. O ponto é um só: destruir um dos pilares do liberalismo, a livre circulação de mercadorias, e, assim, colocar o debate em outros termos. O objetivo é impor a realidade do poder e estampar na primeira página quem manda e quem obedece. Como é assim, todo o processo parece muito confuso. Há uma enorme preocupação com os patamares das tarifas e com a volatilidade das decisões, mas o nó não é nem isso nem aquilo. É um esforço, por parte do grupo de Trump, de alterar a linha política dos Estados Unidos, o principal centro de poder mundial. Eles querem, de uma vez por todas, deixar para trás os valores liberais, o que não é uma tarefa simples, dada a relevância que o país possui na história do liberalismo.

O que não está claro é o que se pretende colocar no lugar. O exercício do poder não se sustenta em si mesmo, ele precisa de uma finalidade. Toda ação tem por fim algum bem, como nos ensina Aristóteles no início da *Ética à Nicômaco*. Qual é o bem que os arroubos de poder trumpistas

objetivam? Se investigarmos essa pergunta, somos capazes de encontrar apenas sugestões esparsas, generalidades, entre os seus apoiadores. O movimento trumpista não pode se alimentar da longeva tradição conservadora estadunidense porque também não se alinha com ela. Afinal, não há nada de conservador num movimento que pretende destruir instituições que demoraram séculos para serem formadas.

Esse vazio existencial que define o movimento trumpista, que deseja apenas destruir e não construir, encontra no seu líder a sua expressão maior. É inegável que Trump é um demagogo, vil e tirânico. Como diz Platão no Livro VIII da República, figuras assim arregimentam as insatisfações populares e catalisam o desejo de liberdade da democracia em perfeita escravidão. Não parece ser fácil, como pensavam Smith e os demais liberais, impedir que os vis perturbem a tranquilidade das pessoas. Até porque são os próprios cidadãos que demandam voz pública, soberania e reconhecimento. Tudo aquilo que o liberalismo lhes negou durante tanto tempo. O problema é que Trump e o movimento político que ele lidera, com ramificações internacionais, não são solução para nada. Eles são como corvos observando o corpo moribundo do liberalismo. É preciso que a política, a ação humana, traga algo novo, rejuvenesça novamente o velho, para que não sejamos vítimas dos tiranos do momento.

## Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Forense, 2017.

CHOMSKY, N. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Hedra, 2011.

MILL, J. S. *Sobre a Liberdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SMITH, A. *A Riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Economistas, 1996.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Rideel, 2005.